

A photograph of two young boys looking over a stone wall. The boy in the foreground is wearing a white t-shirt with blue trim and has his hands on the wall. The boy behind him is also looking over the wall. The wall is made of rough, reddish-brown stones. A green vertical strip is visible on the wall. The background shows some greenery and a building.

POR TRÁS DOS MUIROS

ACÁSSIA DELIÉ



Livro-reportagem apresentado como Trabalho de
Conclusão de Curso em Comunicação Social,
habilitação em Jornalismo, pela Universidade
Federal de Alagoas.

Orientador: Prof. PhD. Antônio Ribeiro de Freitas
Co-orientadora: jornalista Carla Serqueira

Março de 2009

Planejamento Gráfico: Ana Paula Tenório
Revisão: André Muricy
Fotos: Acássia Deliê, Ariana Maurício e Sionelly Leite
Capa: Acássia Deliê (desfile do bloco carnavalesco
"Maluco Beleza", em fevereiro de 2009)

Com amor, dedico este trabalho a três mulheres:

À Iêda Mendonça, minha mãe,
pela inspiração ao tema e pelo zelo
incondicional à minha educação;

À Irene Cecília, minha avó,
por superar as barreiras impostas pela educação
e ser a mulher admirável que é. Também pela força
e pelo carinho de “vó”, que nunca me faltou.
Queria que fosse eterna;

À Ariana, a mulher.
Por tudo

E a todos que se dispuseram às entrevistas
e confiaram no trabalho desta jovem jornalista.
Que eu possa sempre honrar vossas confianças.

"E que a minha loucura seja perdoada,
porque metade de mim é amor e a outra metade também"
(Oswaldo Montenegro)

Sumário:

05 Senhoras e senhores, Atalhos

14 "Portugal Ramalho, bom dia!"

24 A Diana do Pastoril

35 O museu de Cristine

44 De Boemia à Bacurau

54 Enfermagem, depressão e artefatos

61 Por trás das cortinas

Apresentação

Lembro que, quando criança, a coisa da qual eu mais tinha medo era do doido da rua. Eu morava no interiorzinho alagoano de Campo Alegre e devia ter entre quatro e cinco anos. Eu já estudava havia uns três – diz a família que não sosseguei até ser matriculada na escolinha –, era afoita para sair de casa sozinha – tanto que escapei de alguns atropelamentos correndo rua afora – e, ciumenta, vivia chutando as canelas dos que se aproximavam da minha mãe – não importava o tamanho do “monstro”.

Mas minha avó sabia como me assustar. Para prevenir as travessuras da neta, ela dizia: “Olhe, que eu chamo o doido para falar com você!”. O “doido” era um rapaz que andava pelas ruas do pacato município, para lá e para cá, tocando qualquer coisa em um triângulo de ferro, daqueles usados em trios de forró. Só isso. Mas, por ser “doido”, era o terror das criancinhas.

Como a maioria das pessoas, cresci com essa impressão. Até que, anos depois, a “doidice” se apresentou a mim em forma de gente. Gente amada. Assim, minha história com o Hospital Escola Portugal Ramalho começa bem antes da ideia de escrever sobre ele. A loucura já não era algo inédito para mim e entrar ali já não me causava pavor, como da primeira vez. O que não significa que me causasse apatia. O fato de conhecer um pouco a rotina do hospital me trouxe a vantagem de saber, mesmo antes de imergir naquele universo, que a loucura não apaga a história de alguém. Muitas vezes transforma, reduz, amplia, mas nunca a história deixa de existir. E quantas vidas existem em um hospital psiquiátrico?

Vidas que não cabem em lides. Foi isso, acreditando ser a comunicação importante instrumento de transformação social, que me impulsionou a desenvolver este livro-reportagem, voltado para as histórias dessas vidas. O grande desafio foi tentar apresentá-las sem estigmas.

Espero ter conseguido.

Capítulo I

Senhoras e senhores, Atalhos



Sou filha da Salvação
Filha dos deuses
O enigma da criação
Sou a verdade absoluta
Sou a linguagem mais primitiva
A vontade produtiva
Que impulsiona as condutas
Sou a criatividade dos gênios
O germe de toda a perdição
A manifestação do absurdo
O diabólico momento da destruição
Eu sou um complexo, sem nexos, sou simples
Sou um feixe de pensamentos exaltados
Uma fonte de prazeres estereotipados
Sou a própria desagregação
Participo da potência dos fortes
Às vezes refugio-me na morte
Sou o demônio... a maldição
Represento uma dialética patética
A expressão dos sofismas
A antítese da ética
Sou uma espécie de carisma
Estou presente nas sagradas escrituras
Na filosofia e na literatura
Sou uma massa de ideias sonorizadas
Eu sou tudo isso e não sou nada
Sou a regressão de uma estrutura
Do ser que talvez queira ser
O quê? A loucura.

(Poema de Marcondes Costa, adaptado para o teatro)

Eles estão inquietos. Mesmo de longe, dá para ver, ouvir e sentir os devaneios. Movem-se de um lado para o outro, olham para cima e para baixo. As cabeças a todo instante acompanham os olhares. Deitam no chão, se levantam. Parecem tentar encontrar alguma razão para as fantasias imaginadas. Ou dialogar com ela, talvez. Sem nunca alcançá-la, porém, gargalham, riem dela. Gargalham. Por fim, descansam sobre os ferros das grades pesadas que separam os devaneios da racionalidade.

Fora das celas, doutor Marcondes Costa observa tudo atentamente, sempre fazendo suas anotações. “O melhor psiquiatra do mundo”, dizem. Há pouco tempo assumira o cargo de diretor do hospital psiquiátrico e já planeja

desenvolver novos projetos na instituição. Cabelos longos, não usa a característica bata branca dos profissionais da medicina. Sentado à mesa com seus papéis, ele conversa com as pessoas atrás das grades quando dois policiais chegaram eufóricos. Eles conduzem um homem agitado, com cabelos assanhados, aparência magérrima, pés descalços e mãos amarradas às costas.

– Doutor, este homem tava quebrando tudo em casa, as crianças estavam assustadas, a esposa também. Eu consegui amarrá-lo, com a ajuda do meu colega, e trouxe ele aqui pra o senhor tomar conta. Ele está louco...

Há alguns segundos de silêncio, até que uma enfermeira, angustiada, intercede:

– Doutor, este é o nosso velho conhecido Miguel! Já estive aqui umas quatro ou cinco vezes – disse, sem medo algum, já desamarrando o homem.

– O senhor vai deixar ela desamarrá-lo, doutor?

Indiferente ao questionamento dos policiais, e com a conivência do psiquiatra, a enfermeira termina de retirar as cordas que apertavam aqueles pulsos e pergunta, enquanto o conduz para fora, se ele deseja comer algo.

A resposta vem de forma bruta, engraçada e quase incompreensível, enquanto anda com dificuldade, cambaleando, abraçado à enfermeira:

– Preciso de comida não, de comer nada, comer nada, não!!

E, rompendo o silêncio no teatro, gargalhadas. Muitas. Vinham acompanhadas dos aplausos produzidos pelas mais de 900 mãos que vibravam com a cômica atuação de Manoel Augusto* no palco, interpretando um paciente psiquiátrico em crise, lá pelos anos de 1970. Em cartaz por uma única noite, no Teatro do Colégio Marista de Maceió, a peça Atalhos homenageava o psiquiatra Marcondes Costa, personagem vivo da história do Hospital Escola Portugal Ramalho (HEPR).

Mais que isso, homenageava a Psiquiatria

praticada por Marcondes durante os seus 37 anos de carreira. Carreira que se iniciou com fortes críticas à Psiquiatria então vigente, defensora de grades e muros como forma ideal de tratar os “doentes mentais”, vistos, em decorrência de uma série de fatores históricos e culturais, como escórias da sociedade, incapazes de se relacionar de forma “normal” e, portanto, não merecedores da inserção ao dito mundo racional. Desde que ingressara no HEPR, Marcondes não hesitara em desamarrar cordas, abrir portões e dialogar com a loucura que pulsava atrás daquelas grades, mesmo que isso lhe custasse olhares e comentários reprovadores. Afinal, inquietações e gargalhadas eram algumas das únicas formas de reivindicar a liberdade tolhida.

Atalhos – peça homônima de um dos livros publicados por Marcondes Costa – foi contada em dois atos, duas fases que se confundem na vida do psiquiatra: o antes e o depois da diplomação em Medicina; juventude boêmia e boemia aliada à profissão. Os 450 assentos do teatro já estavam preenchidos quando as luzes se acenderam para a entrada do contador de histórias, que se pôs a resumir a biografia do homenageado.

– Apresentamos um novo espetáculo, desta vez contando, com seus versos e suas canções, a trajetória de uma das figuras mais ilustres da cultura e da psiquiatria alagoana. - Os versos e canções a que se referia o contador são as produções culturais do próprio Marcondes Costa, selecionadas e transformadas em peça teatral. Um mosaico de poemas e canções tão bem representados pelos atores.

Dois atos e duas sensações distintas provocadas na plateia: leveza e angústia. A relação entre elas fica clara ao fim do espetáculo. No início, por enquanto, sai o contador de histórias e abrem-se as cortinas. Uma voz canta suavemente uma canção. “Sorri, quando a dor te torturar e a saudade atormentar os teus dias tristonhos, vazios. Sorri, quando tudo terminar, quando nada mais restar do teu sonho encantador, sorri, sorri...”. Dor. Tortura. Tormento. Tristeza. Saudade. Sonhos. A música de Chaplin, diz o contador, é a preferida do psiquiatra Marcondes, que a ouve sentado em



O inglês Charles Spencer Chaplin, considerado um dos maiores gênios do cinema mundial, compôs a melodia para o filme *Tempos Modernos*, em 1936. A letra da canção "Smile" foi composta por John Turner e Geoffrey Parsons, em 1954. A versão brasileira, "Sorri", foi feita em 1955, por João de Barro, mais conhecido como Braguinha. Duas das gravações mais populares são do músico brasileiro Djavan e do cantor estadunidense Michael Jackson.

uma das primeiras filas de cadeiras do teatro.

Iluminado no fundo do palco, um bar: “Bar da Suez”, diz a placa. Atrás do balcão, uma mulher, que se mostra em um blusão vermelho decotado, saia preta, curta, apertada, salto alto, bijuterias e maquiagens exageradas. É Ilona, a dona do bar. Tão logo a música vai sumindo, ela lamenta a atual situação do estabelecimento ao único freguês presente.

– Esse meu bar já foi palco de grandes noitadas. Aqui, vivi um passado maravilhoso. Quantas figuras ilustres circulavam por aqui! Sabino Romariz, Juvenal Lopes...

Sentado em uma pequena mesa, de frente a um copo vazio, Lourival – o Louro – escuta as lamúrias da amiga, concordando e dialogando com as lembranças dos tempos gloriosos de outrora.

– ...Isaac Bezerra, Marcelino, Inochia, Bola Sete, César Rodrigues, Jaboti e Everaldo Moreira...

– ...Marcondes Costa! Ah, esse não saía daqui! Muitas de suas composições foram feitas aqui nesta mesa – lembra Ilona. – Jovem brilhante, bonitão, um artista. Pobrezinho... Foi ser médico de doido...

A referência pejorativa à medicina psiquiátrica, ironizada no teatro, é um retrato da “vida real”. Está nos ônibus, nos carros particulares, nas escolas públicas e privadas e, mesmo, nas instituições psiquiátricas. Mas a dona do bar não se importa, simplesmente se expressa, antes de apresentar um disco de vinil ao antigo freguês.

– Louro, sabe quem está cantando? É **Luiz Gonzaga** e a música é de Marcondes - E os dois dançam no palco o forró do psiquiatra, cantado pelo “rei do baião”.

Aplausos.

O jovem brilhante, bonitão, o artista – pelas palavras da dona do Bar Suez – aparece iluminado em outra mesa no palco do Teatro Marista, como uma lembrança viva de Ilona. Os cabelos longos e a barba por fazer sugerem a rebeldia do universitário, que acabara de vencer mais um concurso musical em Alagoas. Apesar disso, ele não tem a alegria e a desenvoltura dos outros três amigos que o acompanham. Pedro



O pernambucano Luiz Gonzaga do Nascimento ficou conhecido como “o rei do baião”, por causa de suas composições populares de sucesso. Em 1979, ele lançou o Long Play (LP) “Eu e meu pai”, no qual canta o forró “Acordo às quatro”, composto pelo psiquiatra alagoano Marcondes Costa. O LP foi gravado pela RCA Victor.

Nobre*, o ator, interpreta a juventude de Marcondes de forma rude, cabisbaixo, com poucos movimentos, todo o tempo sentado à mesa, olhando para um ponto que parece fixo, apertando um objeto entre os dedos.

– Marcondes, e as mulheres? - pergunta uma das atrizes

– A mulher pode ser um bom ou mau remédio: tanto afasta como aproxima o tédio. - Gargalhadas para a declamação do curto poema *Remédio*, publicado no livro *Atalhos*.

A primeira parte da adaptação teatral tem um tom festivo com o jovem Marcondes, seus amigos, Ilona e o Louro, todos no Bar da Suez. Festividade, aliás, devida em grande parte à participação do ator Paulinho Malta*, intérprete do Louro. Discretamente elegante – como sugere o roteiro da peça –, vestido em terno de linho branco, Paulinho foi especialmente escolhido para o papel. A experiência como chefe de gabinete do Teatro Deodoro lhe rendeu intimidade especial com o teatro. Com a naturalidade devida, ele canta e dança mais uma canção de Marcondes Costa escolhida para a peça, dessa vez um frevo: “Eu quero a nostalgia dos velhos carnavais, pura fantasia que já não volta mais (...) Eu quero alegria geral, quero ver o curso passando, Maceió cantando o meu carnaval”. É o fim do primeiro ato.

A demora para reabrir as cortinas deixava a plateia impaciente. Estava ali gente ansiosa para ver o resultado de mais de seis meses de trabalho: familiares, amigos, colegas de profissão, usuários – como são chamadas as pessoas que precisam de acompanhamento em um hospital psiquiátrico. Horas antes, um ônibus saía do HEPR em direção ao Colégio Marista. Gente que se identificaria com os personagens na peça. Os minutos que se passavam com as cortinas fechadas, portanto, aumentavam a ansiedade.

Mas a demora era perfeitamente explicável. Não é fácil transportar grades de ferros. E eram três: as únicas que restaram depois da última reforma no hospital, em 1993. Guardadas no canto de uma sala transformada

em museu, as pesadas lembranças eram levadas ao palco para dar o tom real à encenação. Atrás das grades, que representavam as antigas celas do “asilo”, os pacientes estavam inquietos. Moviam-se, olhavam para todos os lados, deitavam, se levantavam.

– Que suplício, meu Deus! Nem deitado com meus devaneios posso ficar. Mas como não ficar parado? Como não ficar em silêncio se eles nos deixam assim? – questionava um dos atores – Os homens de branco com sua sabedoria lógica não conseguem compreender que nos destroem com suas atitudes ilógicas. Analisar minha situação é me tornar mais confuso e eu não quero parecer mais louco do que sou. Melhor não pensar em nada e continuar no meu papel: um simples louco como outro qualquer no pavilhão.

Quem interpretava Marcondes, agora no segundo ato, era João Alves. Ele, Marcondes, observava e anotava tudo. Acabara de ser nomeado diretor do HEPR e pensava que muita coisa poderia e deveria ser mudada por ali. A começar por muitas atitudes ilógicas dos homens de branco, que não hesitavam em aprisionar seus pacientes. Os ensinamentos, ele fazia questão de passar adiante. Por isso a naturalidade ao observar uma enfermeira desamarrar um homem trazido à força por dois policiais. “Ele está louco”, diziam os atores. Para Marcondes, ao contrário de grades, o homem precisava de liberdade, de atenção, de diálogo.

– Não, não acredito no vazio, que o turbilhão de olhares mortos possa resultar em algo que não seja a condenação para uma ociosidade eterna. Acreditar que a ociosidade possa levar a cura é forçar ainda mais a nossa condição de loucos. É nos julgar mais loucos do que somos – Na fala viva do ator, renasciam antigos pensamentos do psiquiatra. Antigos e tão presentes. – Não podemos fingir que não percebemos o sofrimento dessas pessoas. Precisamos sair desse marasmo! Esquecer o doente em função de sua doença é ignorar a sua própria história. Recuperar não é só prescrever drogas, é algo mais profundo. Vamos mudar esse quadro já!

Em seu plano de ação, Marcondes contou com o apoio de diversos outros profissionais.

Muitas das atividades que hoje perduram no HEPR foram frutos das ideias e do trabalho do psiquiatra: a biblioteca, onde os usuários passaram a ter acesso à leitura; o museu, onde a memória da instituição e as expressões artísticas dos seus usuários e funcionários permanecem registradas; o sistema interno de som, que levou a boemia aos ouvidos de quem antes só ouvia silêncio. E mais: a criação de uma comunidade terapêutica, para que, pelo menos por instantes, os usuários deixassem seus aposentos sombrios e dialogassem, discutissem. Outros projetos, no entanto, não tiveram a mesma durabilidade, apesar do sucesso alcançado entre a comunidade psiquiátrica. As equipes de passeio, nas quais os usuários melhorados se responsabilizavam pelos mais debilitados, agora são supervisionadas por funcionários. O jornal “Comunidade” durou apenas dois anos; o galinheiro e um cineclube interno também não resistiram ao tempo e às mudanças dentro do hospital.

Enquanto João Alves, o médico Marcondes, declarava suas intenções à platéia do teatro, outros atores cruzavam o palco demonstrando as novas experiências. As pessoas que estavam pelo chão, atrás das grades, aparecem agora de forma mais humanizada. Cristine Mayara*, no papel de uma paciente recuperada, acompanha quem antes aparecia sozinho e cuida de quem estava malvestido, despenteado.

- Eu quero que um dia alguém diga que eu passei por aqui - deseja em voz alta.

- Olha o jornal! Olha a comunidade! - grita outro ator.

Manoel Augusto volta ao palco em trajes de jogador de futebol. Seu andar desajeitado provoca mais risos na platéia. Sandra Virgínia* aparece pela primeira vez na peça, como uma usuária que exalta as mudanças ansiadas:

- Eu tenho visto muitas coisas belas e tenho sentido grandes alegrias do existir. Mas, agora, nunca o ar da primavera foi tão doce de ser respirado.

O cenário é completamente transformado em festa, especialmente com a entrada da Seresta da Pitanguinha. “Laiá, laiá, laiá, laiá... Essa seresta lá da Pitanguinha é a rainha do meu Maceió. Ela



O grupo surgiu em 1994, quando seresteiros saíram às ruas do bairro da Pitanguinha, em Maceió, com um repertório de canções populares brasileiras. Desde então, as "procissões" se repetem nas noites da primeira-sexta feira de cada mês. A Seresta também realiza festas durante o carnaval maceioense e participa de eventos para os quais é convidada.

me enche de felicidade, na minha saudade, quando estou tão só...”. Violões, vozes e percussão instigam as palmas ritmadas dentro e fora do palco.

Saindo dos bastidores, uma faixa de protesto: “Eles nos chamam de preguiçosos e incompetentes. Essa apresentação é uma de nossas respostas. Não à privatização dos hospitais públicos”. Assinado: Núcleo de Arte Everaldo Moreira, grupo artístico que funciona no Hospital Escola Portugal Ramalho, de onde saiu toda a montagem. Os ensaios começaram em abril de 2008 e duraram mais de seis meses até aquele 26 de novembro. Finalmente, tudo dera certo. Funcionários e usuários contracenando harmoniosamente por quase uma hora, cada um com a atenção devida às suas limitações e sempre rompendo limites. Rosimeire Rodrigues, diretora do HEPR, Marcondes Costa, o homenageado, e outros presentes na plateia são convidados a subir ao palco. E dançam.

É festa e é impossível distinguir funcionários de familiares, familiares de amigos, amigos de médicos, médicos de usuários. Pessoas de pessoas.




* São nomes fictícios, que preservam a identidade dos pacientes psiquiátricos, segundo determinação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas.

Capítulo II

**"Portugal Ramalho,
bom dia!"**

- *Você tem namorada, Manoel?*
- *Não, gosto não.*
- *Por que não gosta?*
- *Porque aqui é um hospital, não é uma boate. Se quiser namorar, vai namorar lá fora.*
- *E lá fora, você namora?*
- *Eu não, as mulheres olham para mim e dizem “óia que bicho feio, parece o cão!”*



História da Loucura, de Michel Foucault. Ed. Perspectiva, 2003.

Entrar em um hospital psiquiátrico é assustador para muita gente. Gente que só ouviu falar de “loucos” pela televisão, pelos jornais, pela igreja, pelos vizinhos. Não é para menos. Ao longo da história, a loucura vem sendo tratada como algo perverso, merecedora de exclusão. Em parte, por culpa da Igreja, que sugeria – e ainda sugere – serem os loucos personagens do demônio; de outro lado, a burguesia, que sempre se incomodou com quem quer que perturbasse a sua ordem social. O resultado de tudo isso? **Foucault** responde: pessoas enclausuradas, como forma de punição merecida, em asilos mal cuidados, muitas vezes em antigas casas de leprosários, fora dos olhos tão puros e racionais da sociedade.

É certo que são muitos os esforços da Psiquiatria contemporânea para desconstruir tal imagem, mas essa não é uma tarefa que se pode chamar de fácil. À entrada de hospitais psiquiátricos, até hoje, sobram olhares apavorados, feições incomodadas, “sinais-da-cruz” e tantas outras bênçãos. Tentativas de se manter resguardados de algum tipo de mal. E elas vêm de gente de fora e de gente de dentro, vêm até dos próprios familiares dos usuários. Provavelmente, no entanto, se o primeiro contato com o mundo da loucura fosse em um teatro, como aquele do Colégio Marista, atravessar esses muros não causasse tanto pavor. Quem sabe, até se tornaria motivo de encanto.

Encanto como foi conhecer Manoel Augusto, um dos mais antigos residentes do Hospital Escola Portugal Ramalho. Homem magro, moreno, baixinho, tem 41 anos de idade e reside há cerca de vinte na instituição. Quem não viu Manoel no teatro, provocando gargalhadas ao interpretar um paciente psiquiátrico em crise e



não raramente, para a sua própria; aquelas que não conseguiram dialogar em voz baixa com a própria loucura. É de lá que vem tantos gritos e choros de angústia e de lamento irreprimíveis. Mas até lá a luz chegou.

O lugar é um tipo de mal necessário, segundo os médicos, e existe em todos os hospitais psiquiátricos, ainda que com denominações diferentes. Embora pouco lembre as antigas e famosas contenções com camisas-de-força, tanto retratadas no cinema, o SOP ainda é capaz de incomodar.

– Eu sou da época das grades e, apesar de não haver maus-tratos, era cruel ver aquilo, porque não havia estrutura no hospital, você via as pessoas presas. Eu hoje vejo as contenções no SOP e não gosto. É necessário, mas eu não gosto de ver, é uma coisa chocante. É uma cela também... – desabafa a assistente social e ouvidora do Portugal Ramalho, Terezinha de Fátima, que interpretou Iloma, a dona do Bar Suez, em Atalhos.

São dois pequenos cômodos, um de frente para o outro, intermediados por uma mesa, de onde o enfermeiro de plantão observa tudo. Em



Famoso desenho de Leonardo da Vinci, produzido no século XV, que pretendia descrever as proporções do corpo humano, baseado em antigos escritos do arquiteto romano Marcus Vitruvius Pollio.

cada cômodo, quatro leitos transformam a loucura em algo horizontal, passível de ser dominada por cordas. Deitados, os usuários em crise são amarrados às camas de ferro pelos pés e pelas mãos, numa posição que mais lembra o “Homem Vitruviano”, de Da Vinci. Assim eles são medicados e permanecem até que sejam julgados, pelos médicos, aptos a serem libertados. As cordas, explica um enfermeiro, são confeccionadas com algodão, tecido que irrita o mínimo possível a pele humana. E, a não ser por um forte estado de agitação do usuário, elas também não machucam os membros.

É por isso que Sandra Virgínia não tem braços nem pernas machucados. Depois de tantas passagens pelo Portugal Ramalho, só mesmo o algodão para livrá-la das marcas físicas do SOP. É por lá também que passam praticamente todas as pessoas que precisam de internamento. – De cada dez pessoas que chegam para se internar aqui no Portugal Ramalho, nove precisam ficar em observação no SOP – diz um dos enfermeiros de plantão.

E Sandra já precisou de muitos internamentos. Se não há vaga em nenhum dos 65




“Sou leonina e leão é fera. Fica mansinho, mas não mexa com ele. Mas é um tipo de leão que vai com aquela garra de brigar e amansa com qualquer acordozinho. Pelo menos eu sou assim, não guardo ódio, nem rancor. Se quiser qualquer coisa de mim, estou pronta a ajudar”.

(Cristine Mayara)

Era 1935, época de levantes que buscavam derrubar o governo brasileiro. Estava aberta a longa temporada de caça aos comunistas. Dava para ouvir os tiros que eram disparados fora do hospital psiquiátrico. Lá dentro, a enfermeira que limpava o quarto viu, sobre a mesa, os livros socialistas e a denunciou à administração do hospital. Nise da Silveira era presa e passaria quase dez anos fora do Rio de Janeiro, entre fugas e esconderijos. Quando finalmente pôde regressar, uma briga mais importante ia começar: a briga com a Psiquiatria.

“Durante todos esses anos que passei afastada, entrou em voga na Psiquiatria uma série de tratamentos e medicamentos novos que antes não se usavam. Aquele miserável daquele português, Egas Moniz, que ganhou o prêmio Nobel, tinha inventado a lobotomia. Outras novidades eram o eletrochoque, o choque de insulina e o de cardiazol. Fui trabalhar numa enfermaria com um médico inteligente, mas que estava adaptado àquelas inovações. Então me disse: “A senhora vai aprender as novas técnicas de tratamento. Vamos começar pelo eletrochoque”. Paramos diante da cama de um doente que estava ali para tomar eletrochoque. O psiquiatra apertou o botão e o homem entrou em convulsão. Ele então mandou levar aquele paciente para a enfermaria e pediu que trouxesse outro. Quando o novo paciente ficou pronto para a aplicação do choque, o médico me disse: ‘Aperte o botão’. E eu respondi: ‘Não aperto’. Aí começou a rebelde”.

Quando a psiquiatra alagoana Nise da Silveira fez esse relato ao escritor [Ferreira Gullar](#), em 1996, no Rio de Janeiro, o aparelho de eletrochoque do Portugal Ramalho, em Alagoas, já estava aposentado havia vinte e um anos. A última aplicação de que se têm notícias foi



Nise da Silveira:
uma psiquiatra
rebelde, de Ferreira
Gullar, Ed. Relume-
Dumará, 1996



realizada em 1975, quando Marcondes Costa ainda era diretor do hospital. Nessa época, a técnica era usada indiscriminadamente, muitas vezes como forma de punição ao usuário em crise, sem o devido acompanhamento profissional. O psiquiatra lembra que alguns médicos chegavam a receitar as sessões por telefone, cabendo a jovens estudantes de medicina a árdua missão de presenciar as convulsões induzidas.

Como não podia simplesmente proibir o tratamento em voga na psiquiatria nacional, Marcondes teve uma ideia: assinou uma nova determinação sobre o uso do eletrochoques no

“Todos os dias eu estou aqui, venho logo cedo pra pegar o café da manhã. Eu amo, adoro esse hospital, aqui é a minha casa.

– Por quê?

– Por quê? Porque eu me sinto bem aqui, me identifico muito, gosto de conversar com meus coleguinhas, gosto do artesanato, do teatro, que é meu forte. Acho que porque sou louco, sei lá...”

(Paulinho)

O conceito de loucura é mutável. Até relativo. Entre o transtorno psiquiátrico físico, decorrente de falhas neurológicas, e o comportamento que foge ao padrão da “normalidade” há um longo caminho e diversas vozes. Nos anos de 1700, por exemplo, a loucura era tratada pela consciência médica como um mal-estar da sociedade. Os diagnósticos “médicos” eram capazes de segregar quem demonstrasse desorganização familiar, desordem social, “perigo” para o Estado. No pacote, incluíam-se os loucos, portadores de doença física ou de comportamento “anormal”.

Quem são os loucos, portanto? Somos nós? Não é algo de que se possa duvidar veementemente. No fim das contas, “de perto ninguém é normal”, escreveu Caetano, cantou Gal. Caetano cantou também, na mesma década de 1980, época em que músicos brasileiros, hoje consagrados, foram desprezados por muitos, eram considerados... loucos. Mas o cantor estava certo. A Organização Mundial de Saúde (OMS) confirma: cerca de 450 milhões de pessoas são afetadas por algum tipo de transtorno mental no mundo, a maioria vítima de depressão. Os dados não estão muito longe. Só no Brasil, o Ministério da Saúde estima em 21% a parcela da população que necessita ou vai necessitar de algum tipo de atendimento em saúde mental. Isso representa mais de 38 milhões de torcedores e sambistas, para generalizar no país do futebol e do carnaval.

E, entre um samba e outro, Paulinho tropeçou e caiu na armadilha das estatísticas. Carnavalesco de carteirinha, pode-se dizer que ele é um sobrevivente. Isso porque o consumo excessivo de álcool causa a morte de dois milhões de pessoas por ano no mundo. Mais dados da OMS. No entanto, não foi aí o escorregão. No

Brasil, Paulinho se incluiu nas filas por uma vaga em um hospital psiquiátrico. Esquizofrenia, diz o prontuário no Portugal Ramalho. Doença decorrente do abuso à ingestão de álcool. Poderia ser hepatite, cirrose, algum problema do coração, ou qualquer uma das sessenta e uma doenças e lesões associadas à popular “bebedeira”. Calhou de ser o tal transtorno mental.

Faz sentido. Ironicamente, as crises começaram já na adolescência, “na época da boemia”, lembra. Se Paulinho tem 55 anos, elas fizeram as primeiras visitas lá pelo início da década de 1970. Nesse período, a boemia não era privilégio dos alagoanos e, em todo o Brasil, o momento ficou conhecido como “o verão do desbunde”, termo originado do verbo desbundar, que, segundo os dicionários, significa ‘perder o autodomínio, enlouquecer, loucura, desvario’. Quem afirma é o próprio biógrafo de Gal Costa, aquela que primeiro homogeneizou a “anormalidade” de Caetano. Eduardo Logullo, o biógrafo, diz que os jovens do Brasil tinham dois motivos para desbundar: “1) acompanhar a possibilidade de sonhar com uma nova era, voltada a valores espirituais e pouco materialistas; 2) esquecer a repressão política e o estado sem direito instaurado pela ditadura militar. Aliás, nos anos 70, a América Latina era um antro de ditaduras por todos os lados”. Portanto, desbundava Gal, desbundava Caetano, desbundava Paulinho.

Em Maceió, havia até o “point” do desbunde. Paulinho diz que era no extinto Bar Castelhinho. Funcionava ali, naquela estrutura em forma de um pequeno castelo aberto, à beira da bela Praia da Avenida, no local que a prefeitura chama de “coreto histórico”, mas onde nada mais funciona. Era lá um dos lugares onde, há três ou quatro décadas, se reuniam os poetas em ascensão. Também os atores. Os artistas. Everaldo Moreira e Marcondes Costa estavam lá: eram companheiros de boemia. Todos mais velhos que Paulinho, que insistia em deixar de lado aqueles da mesma faixa etária. Passaram muito tempo juntos, os três e os demais. Até que desbundaram para lados opostos. Everaldo e Marcondes tornaram-se psiquiatras. Paulinho, paciente.

– Eu começava a beber, beber e me dava

Referências Bibliográficas

ARTONI, Camila. As faces da loucura. In: revista Galileu, nº 160, novembro de 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. Diretrizes para um modelo de assistência integral em Saúde Mental no Brasil (versão provisória resumida). 2006.

COSTA, Marcondes. Caçador de Versos. Maceió: Sergasa, 1989

_____. Aspectos do sofrimento humano. Maceió, Sergasa, 1981.

_____. Atalhos. Maceió: Sergasa, 1988.

FOUCAULT, Michel. História da Loucura. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FRANÇA, Hozana Alves de e PORCIÚNCULA, Maria Goretti Alves Cavalcante. A perspectiva dos Usuários do Hospital Escola Portugal Ramalho para o mercado de trabalho. In: Revista Saseal, ano 6, nº 6, maio de 2005.

GOFFMAN, Erving. Estigma - notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 4ª Ed., 1988.

GULLAR, Ferreira. Nise da Silveira - uma psiquiatra rebelde - Coleção Perfis do Rio. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura, 1996.

SÁ JÚNIOR, Heider Lisboa de. Portugal Ramalho: notas biográficas. Maceió: Catavento, 2006.

Na internet

<<http://www.hepr.uncisal.com.br>> Site do Hospital Escola Portugal Ramalho

<<http://www.agenciabrasil.gov.br>> Depressão cresce no mundo inteiro, diz coordenador de Saúde Mental, Álcool e Drogas, por Débora Xavier.

<<http://ms.gov.br>> Site do Ministério da Saúde

<<http://www.galcosta.com.br>>

<<http://www.caetanoveloso.com.br>>